

Nome: Rutemara Florencio

Informações da Escola:

Nome da Escola: Escola Estadual Presidente Tancredo Neves

Cidade: Boa Vista

UF: RR

Informações do Projeto:

Categoria: (TEMA LIVRE) Anos Finais do Ensino Fundamental

Projeto: As revoltas sociais da primeira República no Brasil através de filmes: alunos em ação!

RESUMO: No 4ª bimestre de 2013, realizei um projeto com os alunos de 3 turmas de 9º ano envolvendo uso de recursos audiovisuais e disciplina de História intitulado: As revoltas sociais da primeira república no Brasil através de filmes: alunos em ação. Participaram cerca de 80 alunos que realizaram dez videofilmes (entre dramatizações e clipes envolvendo imagens e música) com essas temáticas: Revolta de Canudos, Revolta da Vacina, Cangaço, Revolta da Chibata. Esse trabalho objetivou motivar os alunos a desenvolverem a criatividade, a utilização pedagógica de tecnologias como celulares e câmeras fotográficas e construir saberes sobre a história do Brasil, especificamente sobre movimentos populares e suas características. Além disso, o trabalho contribuiu para construção de uma nova percepção sobre o povo brasileiro e sua história, mostrando a todos que existiu luta popular contra as injustiças sociais e também pela terra, questão essa ainda atual. Conceitos como o de cidadania, justiça social, política oligárquica, movimentos sociais e governo republicano foram trabalhados na disciplina de História através do trabalho supracitado juntamente com os objetivos arrolados nos parâmetros curriculares nacionais de História para o Ensino Fundamental. Os videofilmes serviram como base avaliativa do 4º bimestre de 2013 e foram apresentados ao público escolar no dia 06/12/2013. Nesse dia, três videofilmes foram escolhidos pelo público e jurados para receberem premiação de 1º (Revolta da Chibata -dramatização), 2º (Cangaço - dramatização) e 3º lugar (Revolta da Chibata - videoclipe).

JUSTIFICATIVA: Vivemos num mundo que é midiático e imagético. Desde o advento do rádio, cinema, televisão e mais recentemente, da internet, que década a década se intensifica mais e mais a inserção de audiovisuais no cotidiano de cada um de nós. Como professores, vivemos e somos chamados a refletir sobre o poder das imagens

(sejam elas fixas ou em movimento), da palavra (oralizada ou escrita) e dos sons que permeiam as relações sociais continuamente. As gerações que atualmente estão sob nossa supervisão nas escolas são, em maior profusão, muito mais conectadas com as mídias do que jamais fomos: crianças, adolescentes e jovens estão expostos e sabem "mexer" nos aparatos tecnológicos que as transmitem muito mais que nós, adultos. Diante desse contexto onde a tecnologia e as mídias são avassaladoras, criando representações, associações de significados e novos modelos de relacionamentos, como a escola e nós professores podemos permanecer afastados? Sendo a escola uma instituição encarregada de democratizar conhecimentos e de preparar as novas gerações para o futuro, cabe a ela e, logicamente a nós, professores dessa escola, usar didaticamente os diversos meios tecnológicos de forma metodológica, objetivando a reflexão sobre o papel das mídias e como elas podem favorecer a produção de conhecimentos e olhares sobre os conteúdos escolares. Diante desse contexto, podemos fazer algumas perguntas relacionadas ao ensino de História: É apenas na escola que os alunos aprendem história? De que forma alunos se apropriam e constroem saberes históricos? Como as mídias podem contribuir para avaliação do aprendizado em História? Partindo desses questionamentos em 2010 realizei uma pesquisa de mestrado onde abordei junto aos alunos do ensino fundamental e médio de escolas públicas a inserção de programas de televisão (tais como minisséries históricas) pelos professores dessa disciplina em suas aulas. O meu interesse nesse tema veio do fato de eu mesma ser professora de História e querer saber o que os alunos esperavam da disciplina, por que gostavam e não gostavam dela, o assuntos que gostavam de estudar e do que não gostavam. Os resultados mostraram algumas representações sociais da disciplina e mostraram também que, a televisão e seus produtos não eram objeto de reflexão no contexto escolar sendo o livro didático quase que o único meio utilizado para as aulas da disciplina. Além disso, os alunos consideraram que a disciplina de História se tornava "monótona" justamente porque não conseguia aliar o cotidiano atual (relacionado aos programas de televisão com temática histórica) com os conteúdos didáticos oferecidos pelos livros. Assim, alunos da educação básica pesquisados consideraram importante inserir filmes e minisséries históricas nas aulas de história de forma didática onde as mesmas fossem discutidas mediante associação com o conhecimento produzido pela academia: além disso, o poder da imagem e do som foi evidenciado de forma permanente nas falas dos alunos mostrando a ascendência que tem sobre os indivíduos: para eles, a história passada através de filmes e minisséries tornava os assuntos mais interessantes e despertava a vontade de saber mais sobre o assunto. A partir de então, como professora de História, passei a refletir sobre as aulas que eu dava, percebendo ainda mais a importância de diversificar os meios didáticos e criar situações onde os alunos também se sentissem autores (e o fossem efetivamente) do conhecimento construído nas aulas da disciplina. Em 2011 fiz pequenos projetos de inserção de mídias e recursos audiovisuais nas aulas de história; em 2012 estive afastada da atividade profissional por motivo de maternidade. Porém em 2013, organizei um

plano bimestral para o 4º bimestre onde inseri o uso das mídias e de seus recursos audiovisuais no ensino da disciplina de História para o 9º ano do Ensino Fundamental com a finalidade de motivar os alunos a estudarem História fora da sala de aula. Nesse plano de ensino, o tema foi As revoltas sociais da Primeira República no Brasil (1889-1930) onde os alunos desenvolveriam como atividade final, um videofilme baseado em um recorte (escolhido por eles) da temática proposta. Através do trabalho busquei desenvolver junto a eles a reflexão sobre padrões (sejam eles comportamentais, políticos e ideológicos) que se repetem nas manifestações sociais ao longo do período republicano mas também fazer uma comparação entre as revoltas do período com os movimentos sociais de junho de 2013. Toda a atividade foi importante para desenvolver a prática da pesquisa, estimular a criatividade e construir a resignificação dos conteúdos estudados mostrando tudo através do uso de recursos audiovisuais inseridos na tecnologia que usam cotidianamente como o celular ou a câmera fotográfica. Almejei com essa proposta motivar os alunos a transformar o que leram, debateram e aprenderam em videofilmes que promovessem os saberes históricos por eles construídos; além disso, vi nessa atividade um meio de despertar o interesse para a utilização dos recursos audiovisuais onde eles aprenderiam a organizar as cenas, pesquisar figurinos de época, fazer o entrelaçamento dos fatos com as imagens e sempre observando as diferenças temporais do início do séc. XX com as do nosso tempo.

CONTEXTO: A escola estadual Presidente Tancredo Neves, em Boa Vista, Roraima está localizada na área periférica da cidade local onde se concentram bairros populosos e relativamente perto uns dos outros. O fato de vários bairros se misturarem, possibilita que os alunos sejam oriundos dos mais variados pontos dessa área periférica e pertencentes a diversos segmentos sociais: desde os mais pobres até uma classe média com renda relativamente boa. A escola está situada num contexto de periferia mas que possui a infraestrutura necessária para que a população não precise ir ao centro da cidade para ter acesso ao comércio e supermercados; as ruas são asfaltadas, com rede de esgoto mas em época de chuvas, essa área é propensa a alagamentos, inclusive várias vezes (em todos os anos letivos) a escola sofreu com alagamentos das ruas do entorno, impossibilitando que alunos e professores tivessem acesso ao prédio. Contando com mais de 800 alunos, o Tancredo Neves é considerada uma escola de grande porte e atende o público escolar de manhã e à tarde. Cerca de 51% dos alunos matriculados recebem auxílio do programa Bolsa Família e a taxa de evasão é de 5,1% entre os matriculados no Ensino Fundamental: os alunos com problemas familiares ou na justiça que não frequentam a escola regularmente mas são matriculados tem acompanhamento da gestão escolar que buscam esses adolescentes ou mantêm um contato estreito com os responsáveis. No ano de 2013, a escola esteve engajada no PRONATEC e sedia seu espaço à noite para a realização de cursos diversos, sendo os alunos da escola, os frequentadores dos cursos noturno. Também no ano de 2013, a escola ofereceu no turno da manhã, as séries finais do ensino fundamental: do 8º até o 9º ano sendo que nos dois,

o total de alunos era de 300. Desde o ano de 2011, a escola vinha passando por uma reforma e com isso, ficamos quase três anos sem uma sala para a biblioteca. Em 2011, o governo estadual mandou instalar ar condicionado nas salas, já que o estado é um dos mais quentes do Brasil com temperaturas médias de mais de 35° durante o ano todo. No entanto, a escola não estava preparada em sua infraestrutura para suportar a intensa utilização de energia elétrica o que impossibilitou que os climatizadores pudessem ser ligados. Assim, a completa reforma do prédio demorou quase três anos para ser concluída e somente agora, no segundo semestre de 2014, pudemos ter a escola pronta e com todas as salas climatizadas: no entanto, ainda enfrentamos problemas de fornecimento de energia elétrica com muitos "apagões" e estragos de ar condicionado dificultando o trabalho. Em se tratando do interesse dos pais na vida escolar dos filhos, podemos perceber (e os documentos de reuniões atestam) que é uma minoria de pais que participa regularmente das reuniões ou mesmo vem na escola saber o que seu filho está fazendo ou estudando: na verdade, até hoje eu tive um único pai que veio perguntar e debater comigo sobre os conteúdos escolares que o filho estava tendo nas minhas aulas; os outros vieram por causa do comportamento dos filhos ou pra saber das notas. No ensino fundamental, principalmente nas séries finais submetidas ao projeto desenvolvido, o comportamento dos alunos foi mais problemático; normalmente a indisciplina é maior do que no ensino médio (em 2013 eu dava aula para o Ensino Médio durante a tarde na mesma escola). Considerando que estão em um momento de transformações mais intensas tanto social quanto psiquicamente, a falta de concentração e uso de celular para fins diferentes do aprendizado curricular e outras formas de indisciplina são mais latentes e incomodam mais a nós professores. Porém, é necessário desenvolver métodos e técnicas no ensino que permitam amenizar o problema e, a efetivação do trabalho ora mostrado foi organizado também pensando nessa problemática. Ao me propor desenvolver o trabalho, escolhi três turmas de 9º ano, o que atingiu uma média de 80 alunos com faixa etária adequada a série que estavam. Dessas três turmas, duas (com cerca de 28 alunos cada) eram as que mais se destacavam na questão da indisciplina e o uso do celular para outros fins que não os de consulta ou pesquisa escolar. A outra turma, era favorecida pelo número de alunos frequentes (cerca de 23 alunos), o que diminuía consideravelmente a indisciplina e o uso do celular não era um problema.

OBJETIVOS: Ao planejar o trabalho aqui descrito, objetivei - de acordo com a minha disciplina - desenvolver nos alunos a percepção de historicidade, onde os mesmos se sentissem construtores de saberes históricos mediados pelas diversas fontes. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 35) o ensino de história pode favorecer aos alunos que reflitam sobre valores e práticas cotidianas a fim de poderem "(...) relaciona-los com problemáticas históricas inerentes ao seu grupo de convívio, à sua localidade, à sua região e à sociedade nacional e mundial." Assim, entendo que é importante escolher temas em história que sejam adequados a perspectiva política e

social que é vivenciada pelo aluno seja esse contexto local, nacional ou global. Dessa forma, o ponto de partida para abordagem das revoltas sociais na 1ª República, foi tratar didaticamente os movimentos sociais que caracterizaram o mês de junho de 2013 no Brasil e, que estavam diretamente relacionados a ações dos alunos pois muitos participaram das manifestações no estado de Roraima. Os alunos deveriam fazer associação entre os movimentos populares de junho de 2013 (e suas motivações) e os movimentos sociais do início do século XX no Brasil, percebendo os padrões que se repetiam em ambos os momentos históricos, além, é claro, de suas especificidades e diferenças (mas sem cometer anacronismo). No desenvolvimento dos estudos sobre as revoltas, os alunos deveriam caracterizar a ação popular na luta por uma sociedade menos desigual, admitir um povo ativo no processo de luta por mudanças políticas, econômicas e sociais e com isso desmistificar a ideia de que o povo brasileiro não participa ativamente das mudanças estruturais ocorridas na nação. De acordo com as diretrizes nacionais para o ensino de História, a construção da cidadania é uma prerrogativa e dessa forma, trazer para as aulas de História a temática que envolve a participação popular nos destinos da nação brasileira é adequada e necessária a manutenção do processo democrático e aos objetivos de existência da escola. As mesmas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (1996, p. 04) observam que "Viver na sociedade brasileira é fundamentar as práticas pedagógicas, a partir dos Princípios Estéticos da Sensibilidade, que reconhece nuances e variações no comportamento humano." Entendemos assim que as interações sociais vivenciadas através da instituição escolar e suas disciplinas devem privilegiar uma diversidade de formas de manifestação artística e cultural (e para isso usar uma variedade de recursos e meios) pois partem de uma sociedade que é diversificada em sua composição histórica. Tendo como base tal pressuposto, aos alunos foi pedido que, depois de estudarmos as revoltas da primeira república e relacionássemos com os movimentos sociais de junho de 2013, eles se organizassem em grupos de até 8 pessoas e construíssem um videofilme de até 5 minutos de duração tendo como tema uma das revoltas sociais estudadas (por exemplo o Cangaco, Revolta da Chibata, Revolta da Vacina, Canudos, etc). a atividade de elaboração e produção de videofilmes na disciplina de História a partir do estudo das revoltas da primeira república estimulou a curiosidade dos alunos e com ela a criatividade de cada um mostrando que é possível sair do lugar comum e transformar aprendizagem em arte. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, " (...) a criatividade estimula a curiosidade, o espírito inventivo, a disciplina para a pesquisa e o registro de experiências e descobertas." Nesse caso, o processo criativo dos grupos quanto ao tipo de trabalho que pretendiam criar foi estimulado sobretudo dando liberdade aos grupos já que cada um pode escolher a melhor forma de criar o seu videofilme. No entanto, foram orientados a sempre seguir a característica histórica da produção já que era essencial que os todos entendessem que estavam falando sobre um período histórico, com comportamentos, valores e visões de mundo próprios da época. Entendemos que

o trabalho de construção de videofilmes pelos alunos do Ensino Fundamental 9º ano se inseriu completamente na proposta geral sobre educação escolar, valorizando a criatividade e participação dos alunos desse segmento já que, puderam criar em imagens a percepção de um recorte sobre história do Brasil. Com essa atividade, os alunos puderam também observar a importância da participação popular nos destinos da nação, por mais que os resultados de quase todas as revoltas não tenham sido de êxito do grupo revoltado. Mesmo com esses resultados, puderam associar a luta de grupos em prol de interesses coletivos. O trabalho em grupo também foi planejado como estratégia de fomento a noção de coletividade pois segundo os PCN's (1998, p. 34) "Através de múltiplas interações entre professores/alunos, alunos/alunos, alunos/livros, vídeos, materiais didáticos e a mídia, desenvolvem-se ações inter e intrassubjetivas, que geram conhecimentos e valores transformadores e permanentes." Nesse sentido, uma ampla gama de competências e habilidades estiveram presentes no desenvolvimento do trabalho pois a aprendizagem foi construída de forma coletiva e interativa tanto entre pessoas quanto dessas com os meios e recursos utilizados para realiza-lo. A experiência de realização do trabalho fortaleceu as aprendizagens construindo um saber histórico escolar que teve significado para todos os envolvidos e que certamente, jamais serão esquecidos pelos alunos envolvidos. Em se tratando da aprendizagem, as Diretrizes Curriculares Nacionais (p. 05), aborda que o mau desempenho dos alunos também tem origem na falta de diversidade metodológica e avaliativa que não possibilita o acesso aos meios e recursos que também podem servir ao objetivo pedagógico. Entendo que, o projeto desenvolvido pelos alunos ao elaborarem videofilmes sobre acontecimentos históricos mudou essa perspectiva pois os coloca como protagonistas do conhecimento, sendo avaliados por um outro meio (que não o escrito) e onde tiveram que colocar em prática recursos midiáticos, além de conhecimentos de informática, artes e pesquisa histórica. Esse trabalho fugiu do tradicional uso do livro didático pois além dele, foram utilizadas outras fontes tais como textos de revistas, filmes do cinema nacional (organizados por meio da internet). Os parâmetros curriculares nacionais (1998, p. 35), analisam que "o saber histórico tem, desse modo, possibilitado e fundamentado alternativas para métodos de ensino e recursos didáticos, principalmente para valorizar o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem". Desse modo, o trabalho desenvolvido com os alunos do 9º ano produziu o saber histórico escolar utilizando os recursos midiáticos já mencionados e que favoreceram ao alunos sentirem-se como sujeitos ativos de suas aprendizagens uma vez que foram eles que produziram os videofilmes e não apenas assistiram a filmes como é usual e comum nas aulas de história.

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: No ano de 2013, estive envolvida no PIBID/UFRR, como professora supervisora para a disciplina de História. Dessa forma, orientava alunos do curso de Licenciatura em História e participava de reuniões e outros eventos relacionados a atividade de professor. Quando lancei a ideia de trabalhar com

mídias (recursos audiovisuais) no ensino de História, fui apoiada pelos alunos do curso que estavam sob minha supervisão: assim contei com a ajuda desses alunos (futuros professores) para consolidar as ações necessárias na efetivação da proposta. Primeiramente, organizei um plano de trabalho para o 4º bimestre de 2013 (anexo) onde estabeleci todos os objetivos, competências e habilidades que eu desejei que os alunos atingissem, além de observar os critérios de avaliação e os recursos que teríamos que utilizar. Com o plano pronto, cada grupo de alunos responsável por uma das revoltas sociais da 1ª República, fez seu planejamento em relação ao tipo de abordagem que mostraria nas telas: dramatização, videoclipe, entre outros estilos. Sugeri aos grupos que organizassem roteiros para composição dos videofilmes devido a tornar mais clara a ideia que seria desenvolvida; esses roteiros foram supervisionados pela professora e pelos residentes do PIBID/UFRR em 4 aulas específicas para tal já que, no roteiro podíamos observar a temática histórica das revoltas e debater com os grupos a forma como isso seria apresentado a comunidade escolar. Em relação aos recursos necessários ao desenvolvimento da atividade, procuramos aquilo que todos já tinham: aparelho de celular, notebook, máquina fotográfica e acesso a internet (local onde assistiram filmes sobre as temáticas propostas). Todos esses recursos estavam direcionados as filmagens (caso o estilo do vídeo fosse o dramatizado: celular e máquina fotográfica) e a edição do vídeo (videoclipe e edição de imagens para compor o filme: computador). Durante a realização da atividade, os alunos tiveram duas aulas sobre edição de imagens - organizadas pelos residentes do PIBID/UFRR e também procuraram, por eles mesmos, programas de computador que se adequassem a necessidade de editar; as aulas de edição de imagens foram construídas pelos residentes do PIBID. Os grupos que não optaram por dramatizar a revolta escolhida, foram orientados a pesquisar sobre imagens que estivessem adequadas ao tema e músicas que fizessem a relação entre imagem e assunto pois, o objetivo era construir um filme ou uma sequencia de imagens em movimento que chamassem a atenção do espectador. Já os grupos que optaram por dramatizar o tema escolhido contaram com a ajuda de uma colega professora que cedeu, gentilmente, figurinos de época (nesse caso, o grupo que escolheu o Cangaço) já que ela trabalha com quadrilhas de São João e possui muito material. Cada grupo se organizou na pesquisa sobre comportamento, figurino, valores sociais que fossem relativos a época que ocorreu a revolta escolhida e foram em busca dos materiais necessários a construção de seus filmes.

DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA: A apresentação da proposta de trabalho as 3 turmas de alunos do 9º ano aconteceu no início do 4º bimestre de 2013 (anexo). Foi explicado a eles como seria a organização do trabalho em todas as suas etapas: Desde os estudos sobre as revoltas sociais até a edição, finalização e apresentação dos filmes ao público e comunidade escolar (anexo). A resposta dos alunos ao projeto foi bastante motivadora pois eles adoraram a ideia de construir filmes; comentaram que era comum assistirem filmes na escola mas nunca tinham sido chamados a construir um, a fazer um

trabalho envolvendo temas de História associado ao uso de recursos tecnológicos que hoje são abundantes e facilitam o trabalho com imagens (anexo). No início, ensinei a todos fazerem fichamentos dos assuntos (de todas as revoltas sociais) pois através dos fichamentos, poderiam ter acesso as principais características de cada revolta, motivação, personagens e resultados (anexo). Ao ensinar a técnica do fichamento, observei que tanto a motivação quanto a organização das ideias dos alunos melhorou já que, o fichamento é uma forma de estudo mais objetiva, clara e ágil e permite que os alunos acessem facilmente as informações. Sobre os fichamentos, eles gostaram muito de aprender; dois alunos disseram que suas mães faziam faculdade e que tinham fichamento para fazer; ao descobrirem que os filhos já estavam fazendo no EF e na escola pública, não acreditaram e pediram para ver o caderno... Também pedi aos alunos que trouxessem reportagens de jornais e revistas sobre as manifestações de junho de 2013. Fizemos leituras dessas reportagens e depois debatemos sobre as motivações desses movimentos, os envolvidos e as formas de manifestação (nas ruas ou na internet). Aproveitei para fazer uma rápida comparação de um dos motivos das manifestações (a tarifa de transporte coletivo que havia aumentado em 0,20 em São Paulo e no Rio de Janeiro) com um dos motivos da Revolução Francesa (o aumento do pão em 0,20 centavos), procurando mostrar a repetição de um padrão nos movimentos sociais: a questão econômica ligada diretamente a sobrevivência das pessoas em ambos os casos. Feito isso, comparamos a participação de grupos específicos e suas reivindicações com as revoltas da primeira república, estabelecendo com isso uma questão social e política ligada a história do povo brasileiro: a participação popular de vários segmentos sociais contra as injustiças (sociais e políticas), a questão da terra, trabalho, moradia e intervenção do Estado na vida das pessoas (como a obrigatoriedade da vacinação no Rio na década de 1910) entre outros.

METODOLOGIA: A efetivação do plano de trabalho e estudo, foi organizada a partir das seguintes etapas: 1- organizar informações em revistas e jornais, além da internet, sobre as manifestações populares de junho de 2013. 2- organizar o debate sobre os envolvidos e as motivações para essas manifestações. 3- Estudar as revoltas sociais da primeira república fazendo um paralelo com as manifestações populares atuais procurando os padrões que se repetem, as diferenças e as conquistas. 4- Fazer fichamento de cada revolta popular da primeira república e assistir os filmes sobre os fatos históricos relacionados pelo internet. 5- organizar e mostrar os processos para edição de imagens fixas e em movimento. 6- proceder a organização de roteiros para a composição dos videofilmes (com até 5 minutos) e realizar as correções necessárias caso houvesse necessidade. As etapas propostas foram organizadas segundo o modelo de trabalho em grupo, onde cada um foi formado por até 8 alunos. Dessa forma, todos os alunos de cada grupo participaram efetivamente de todas as etapas; todos os alunos aprenderam e debateram sobre todas as revoltas sociais da primeira república e organizaram fichamentos sobre elas. Em relação as etapas e as relações entre elas, posso

dizer que as informações sobre as manifestações de junho de 2013 foram trazidas a sala de aula por mim e pelos alunos, onde muitos deles participaram pessoalmente das manifestações no Estado de Roraima; desse modo, houve estímulo aos alunos para estabelecerem uma ligação entre as manifestações nacionais atuais com as revoltas sociais ocorridas no período da primeira república, percebendo a historicidade de sua participação na construção da democracia nacional e da própria cidadania. Após a leitura e debate sobre os movimentos sociais de 2013, abordamos em grupo, as revoltas sociais da primeira república também com leitura em voz alta e debate sobre as características de cada uma delas, suas motivações e resultados. Assim, foi possível estabelecer um paralelo entre os movimentos sociais de 2013 e as revoltas populares da primeira república observando as semelhanças e diferenças de acordo com os fatos de cada época. Logo após, ensinei a todos os alunos a fazerem fichamentos sobre as revoltas com a intenção tornar as informações objetivas e acessíveis para eles; também sugeri que procurassem filmes como Canudos na web para assistirem e terem uma ideia de como a história foi contada e roteirizada. A técnica de estudo através de fichamentos se justifica porque pode ser utilizada em todas as disciplinas escolares além de servir como forma de consulta para organização do roteiro do videofilme. Em relação ao roteiro, os alunos foram orientados a pensar sobre o que desejavam que o espectador aprendesse com o trabalho deles mesmo que esse espectador não conhecesse a história das revoltas: cada grupo construiu seu roteiro mediado pela temática histórica. Dessa forma, os grupos apresentavam seus roteiros durante as aulas e fazíamos questionamentos sobre como poderiam melhorar, tirar ou inserir elementos que ajudassem a construir o trabalho. É importante lembrar que todos os roteiros foram rigorosamente analisados pela professora, pelo grupo de alunos e pelos residentes do PIBID para que ao apresentarem os videofilmes, soubéssemos claramente o que seria apresentado e como seria. Já na última etapa antes de os alunos começarem a escrever o roteiro do videofilme, tiveram duas aulas na sala de informática sobre edição de filmes no Windows com os alunos residentes do PIBID. É claro que houve divergências entre eu e alguns grupos, contornadas mediante o diálogo. Porém, um dos grupos decidia toda semana fazer algo diferente; por último, não deixaram eu ver nada do trabalho e nem opinar sobre o que já tinham feito. No final apresentaram um trabalho totalmente fora do padrão estabelecido, em desacordo com as regras e não conseguiram a nota mínima pelo trabalho (5,0). Excetuando esse grupo que não atingiu alguns objetivos da atividade, os outros apresentaram o trabalho de acordo. O trabalho em grupo se mostrou uma forma mais adequada de provocar a reflexão dos alunos sobre o tema, observar as suas especificidades e planejar o desenvolvimento do videofilme pois o resultado do mesmo estaria traduzido na mensagem que o grupo previamente planejou mostrar ao público. Depois do debate em sala de aula (com a participação de todos) a respeito dos movimentos sociais ocorridos no mês de junho de 2013 e a comparação desses movimentos com as revoltas da primeira república (feito de forma expositiva) os alunos providenciaram os fichamentos de todas as revoltas relacionadas. Essa primeira

providencia foi para que eles desenvolvessem a percepção de que mesmo estando na segunda década do sec. XXI, as questões sociais se manifestam com sentidos muito parecidos a aquelas ocorridas no início do séc. XX: luta pelos direitos de moradia e transporte, contra a estrutura socioeconômica vigente e participação nos destinos da nação. A essas lutas somam-se a noção de cidadania pois a atitude cidadã é participação e luta por um país melhor e mais igualitário promovendo coletivamente as ações para se chegar a um resultado satisfatório para todos. Nesse sentido, a primeira ação prática direcionada a produção dos videofilmes foi pedir aos alunos que formassem grupos de até 8 indivíduos e que o grupo escolhesse a revolta social que mais gostaram de estudar; feito isso, sugeri sites para pesquisa sobre História tais como os da Revista Historia Viva, Aventuras na História, Guia do Estudante e vídeos de História vinculados no YOUTUBE. A pesquisa em grupo e mais o aprendizado do conteúdo através do debate e fichamentos foi essencial na construção dos roteiros de cada trabalho pois o roteiro mostrou as intenções da produção fílmica e, no papel traduziu o que as cenas ou imagens e músicas deveriam transmitir como mensagem aos espectadores. Ao trabalhar junto aos alunos no processo de construção do roteiro, estabeleci (como meta pessoal) não interferir no processo de criação do trabalho mas apenas dar dicas e fazer correções necessárias em relação as cenas ou imagens que eles estavam a criar; além disso, estive sempre atenta a questão histórica inerente ao trabalho pois, no caso da dramatização, o aspecto das cenas e os elementos que demandam serem caracterizados (os personagens) são fundamentais para que o processo de aprendizagem da disciplina aconteça. Dessa forma, os roteiros favoreceram aos alunos ter uma base escrita do que o grupo precisaria para empreender o trabalho e também para que fossem observadas as falhas (ou excessos) antes de coloca-lo em prática. Sugeri aos alunos que escolhessem um diretor para os filmes de dramatização pois assim, ficaria mais fácil organizarem-se sem perder o foco. Assim, os ajustes no processo criativo foram feitos nas aulas de análise dos roteiros do grupo onde todos os componentes de cada grupo participavam; para mim era importante que cada integrante percebesse o que deveria mudar ou permanecer e assim discutisse mudanças e continuidades com os companheiros. Ao falar dos ajustes na elaboração desse trabalho, creio que a parte do roteiro foi a principal fonte desses ajustes onde ao fim das duas aulas previstas pudemos verificar como ficaria o trabalho antes da produção. Em se tratando dos problemas, devo citar que o atendimento de cada grupo em uma situação de aula, provocou indisciplina dos alunos que esperavam para serem atendidos mesmo que estivessem orientados para trabalharem, cada grupo, no seu roteiro. É difícil trabalhar ou orientar com muita conversa paralela e esse foi o principal problema enfrentado por mim e por meus colaboradores do PIBID. Esses colaboradores não tem permissão de darem aula ou chamarem atenção de aluno e, nesse caso, a responsável pela ordem na sala era eu; enquanto eu e eles atendíamos um grupo, os outros conversavam, mexiam no celular e atrapalhavam a orientação: essa situação ocorreu nas duas salas com o maior número de alunos; essas mesmas salas, desde o início do ano letivo, manifestaram problemas com a disciplina: muita conversa paralela,

uso de celular para fins não educativos, alunos que davam prioridade a jogos e eventos escolares e que, constantemente não compareciam as aulas por conta de eventos esportivos ou culturais dos quais participavam pelo programa Mais Educação. No entanto, apesar dessas dificuldades (que eu considero bastante graves), foi possível atender todos os grupos no processo de construção do roteiro dos videofilmes e também fazer as correções necessárias antes que os grupos comessem a fazer o trabalho de fato. A medida em que os alunos se fixaram em realizar a tarefa, a indisciplina nas duas salas já mencionadas foram sendo amenizadas pois todos os grupos estavam muito animados para realizar um trabalho melhor que o do dos outros grupos. As filmagens e escolha de imagens e músicas foram feitas sem minha supervisão (porém estavam orientados sobre essas escolhas) porque os alunos já tinham conhecimentos suficientes para empreenderem-se na "aventura" sozinhos.

RESULTADOS: Quando todos os grupos entregaram os videofilmes, marcamos o dia 06/12/2013 para a exibição pública. O regulamento a que todos os grupos seguiam previa a avaliação do trabalho pela professora (eu) valendo como parte da nota bimestral (50%) e também a avaliação por um grupo de jurados quando da exibição pública na escola para fins de premiação de 1º, 2º e 3º lugar. No dia 03/12/2013 os alunos levaram comunicados aos pais convidando a família e amigos para virem a escola assistir as produções. No dia marcado, vários pais e convidados juntamente com os alunos da escola, foram posicionados no pátio para verem os trabalhos e votarem em seus preferidos. Arrumamos o espaço destinado a exibição, com a ajuda de outros professores e dos bolsistas do PIBID/UFRR. As 10 horas da manhã, os videofilmes começaram a ser exibidos para todos. A ordem de exibição foi feita mediante sorteio para que nenhum grupo se sentisse privilegiado ou preterido: era importante ressaltar a ação democrática do evento e também a importância que cada grupo tinha nesse contexto. A minha avaliação, particularmente, se pautou pelos critérios já estabelecidos junto com os alunos no processo de criação do filme: o fato histórico deveria estar como centro do filme; no caso de ser uma dramatização, o figurino, as falas e o movimento da filmagem, seriam avaliados; a criatividade na construção da história e o tempo decorrido de cada apresentação (que não deveria ultrapassar 5 minutos) seriam outros elementos para avaliação. É interessante salientar aqui que os alunos estavam ávidos pela avaliação do trabalho: lutaram pela nota máxima e fizeram até uma certa pressão questionando algumas notas que receberam: ao meu ver, essa luta por uma boa avaliação foi positiva pois mostrou que todos conheciam o trabalho de forma integral: quem participou da construção do filme, o fez de forma a conhecer todo o processo e nuances da produção e assim, poderiam justificar escolhas, pontos positivos e negativos do trabalho. O corpo de jurados (composto por três pessoas) mais o voto do público, concederiam os prêmios de primeiro, segundo e terceiro lugar aos grupos participantes. Lembrando que os alunos sabiam desde o início que seriam premiados na exibição pública de acordo com a ordem estabelecida de 1º, 2º e 3º lugar. Devo dizer que a

exibição foi um sucesso de público e crítica: todos que assistiram se empolgaram com o trabalho e ficaram até o final da exibição. Acredito que por serem trabalhos de curta duração, conseguiram captar a atenção dos espectadores pois a dinâmica de apresentação intercalava um estilo de videofilme com outro e assim, não havia algo parecido a uma "repetição" de estilos. É importante ressaltar que as faltas no período da atividade foram mínimas se comparadas com outros períodos do ano letivo; além disso, as notas finais dos alunos envolvidos na atividade também tiveram um ligeiro aumento o que demonstra a dedicação dos alunos no projeto. Atualmente estou repetindo o trabalho com o terceiro ano do Ensino Médio; trouxe os videofilmes para eles observarem e analisarem em que podíamos melhorar o estilo de trabalho. Percebi que os alunos deveriam ter sido melhor orientados sobre posicionamento da câmera de celular pois um dos trabalhos foi filmado em modo retrato o que não deu amplitude às cenas da dramatização; desse modo, vou abordar essa perspectiva e questões relacionadas aos formatos da edição na construção do trabalho do EM que pretendo finalizar no terceiro bimestre de 2014.

CONCLUSÕES: Esse trabalho me ensinou bastante. Em primeiro lugar me deu a clareza de que os alunos têm possibilidade de fazer excelentes trabalhos surpreendendo a nós professores de forma positiva. Eu imaginava que os trabalhos seriam bons mas eles se mostraram superiores à minha expectativa e surpreenderam também aos outros professores e a comunidade escolar. O fato dos alunos se interessarem em ir além da sala de aula (pesquisando os temas, imagens e buscando novos conhecimentos ligados à tecnologia) mostra que uma boa atividade e que seja desafiadora pode ajudar a desenvolver uma maior autonomia no processo de construção do conhecimento. Ao meu ver, o estímulo veio justamente daquilo que não foi oferecido de forma completa aos grupos: múltiplos textos das revoltas disponíveis na internet (e com olhares diferenciados), aulas sobre edição de vídeo e imagens, pesquisa sobre esse tipo de trabalho já desenvolvido por outras escolas e disponível na internet, entre outras questões. O resultado do trabalho deveria mostrar uma forma autônoma de os alunos construir o conhecimento da história, evidenciando os fatos e as questões principais que haviam aprendido. Assim, ao exibirem os filmes, ficou claro que foram além dos debates e estudos feitos na sala de aula e pesquisaram fora dela para mostrar um trabalho com uma ótima qualidade artística e intelectual. A atividade aqui relatada foi objeto de um artigo que escrevi e apresentei no 7º Seminário Nacional "O professor e a Leitura de Jornal" que ocorreu nos dias 24 e 25 de abril de 2014 no campus da UNICAMP (anexo). Atualmente estou realizando esse trabalho outra vez com os alunos do terceiro ano do EM e uma das questões que vou melhorar é as orientações sobre filmagem e produção do roteiro, além da edição. Dois filmes do ano passado foram gravados com formato de câmera que não privilegiou a profundidade da cena e o contexto onde os atores atuavam; logo, estou orientando a todos sobre o posicionamento da câmera e a melhora visual que filmar no estilo PAISAGEM dá ao espectador. Além disso, passei

as turmas o filme A Lista de Schindler e fizemos a discussão do modo como o diretor construiu o filme, o motivo de usar fotografia em preto e branco e o uso da trilha sonora (nesse caso, esse filme foi usado para discutirmos os meandros da Segunda Guerra Mundial) mas já aproveitei para mostrar aos alunos um pouco do processo de produção e de interesses embutidos nos filmes de modo geral.